

BOLETIM DO PORTAL HISTÓRIA DA PSICOLOGIA 2

ORGANIZADORES

ANDRÉ ELIAS MORELLI RIBEIRO

GUNTHER MAFRA GUIMARÃES

MARCUS VINÍCIUS DO AMARAL GAMA SANTOS

YURI PEREIRA ANTUNES VIEIRA

ARTHUR ARRUDA LEAL FERREIRA

LUIZ EDUARDO PRADO DA FONSECA



Organização:

André Elias Morelli Ribeiro

Gunther Mafra Guimarães

Marcus Vinícius do Amaral Gama Santos

Yuri Pereira Antunes Vieira

Arthur Arruda Leal Ferreira

Luiz Eduardo Prado da Fonseca

Boletim do Portal História da Psicologia 2

Editora do Portal História da Psicologia

Rio das Ostras/RJ

2023

Editora do Portal História da Psicologia

A editora do Portal História da Psicologia é parte integrante do
Portal História da Psicologia

COORDENAÇÃO

André Elias Morelli Ribeiro

CONSELHO EDITORIAL

André Elias Morelli Ribeiro

Arthur Arruda Leal Ferreira

Luiz Eduardo Prado da Fonseca

Marcus Vinícius do Amaral Gama Santos

Yuri Pereira Antunes Vieira

Gunther Mafra Guimarães

© 2023

É proibida a reprodução total ou parcial desta obra sem autorização expressa da Editora do Portal História da Psicologia

Equipe de realização

Editor Responsável: André Elias Morelli Ribeiro

Revisão final: Gunther Mafra Guimarães

Capa: André Elias Morelli Ribeiro, com imagens geradas pelo Microsoft Designer AI

Projeto gráfico e diagramação: André Elias Morelli Ribeiro

Ficha Catalográfica

B688

Boletim do Portal História da Psicologia 2 [recurso eletrônico] / Organização: André Elias Morelli Ribeiro... [et al.]. – Rio das Ostras, RJ : Editora do Portal História da Psicologia, 2023. 325p.

ISBN: 978-65-997325-2-2

DOI: 10.5281/zenodo.8392599

1. História da Psicologia. 2. História da Psiquiatria I. Ribeiro, André Elias Morelli.

CDD 150.9

Ficha catalográfica elaborada por Janaine de Sá - CRB-7/7270

Sumário

Apresentação VI

Verbetes

A História da Psicologia no Brasil e suas Relações com o Contexto Sociocultural 16
Manuel Bomfim 80
Antonio Gomes Penna 93
Lacan 136

Artigo original

Vida, Obras e Ideias de Wilhelm Maximilian Wundt 163

Traduções

O Que é uma História Policêntrica da Psicologia? 191
Rumo a uma História Policêntrica da Psicologia 214
Presentismo e Diversidade na História da Psicologia 230

Tradução de Clássico

Definição de idiotia e imbecilidade 258
Comentários ao texto “Definição de idiotia e imbecilidade”, de Binet e Simon 280

Relatos

XV Encontro Clio-Psyché e VI Congresso Brasileiro de História da Psicologia: memórias, reencontros e afetos... 294

Entre a solidão e os encontros nas pesquisas em História dos
Saberes Psi 297

Lista de Autores 317

Contribuições para o Boletim do Portal História da Psicologia 322

Presentismo e Diversidade na História da Psicologia

Adrian Brock

Tradução de Anna Clara Domingues Cabral de Andrade

Revisão da tradução de André Elias Morelli Ribeiro

Publicado originalmente em: Brock, A. (2015). Presentism and diversity in the history of psychology. Psychol Stud, 60(4), 373–379.

Resumo

Produzir um verbete sobre história da psicologia para a enciclopédia online, a Wikipédia, tem se mostrado mais problemático do que se poderia esperar. Especificamente, alguém que usa o nome “Jagged_85” na internet inseriu afirmações no intuito de mostrar que a maior parte dos grandes desenvolvimentos da história da psicologia tem suas origens no mundo árabe medieval. Afirmações similares e pelo menos uma tentativa de desafiar estas afirmações apareceram na literatura profissional. Também foi publicada uma edição especial da *newsletter online, Advances in the History of Psychology* voltada para essa temática, sob o título *Presentismo a serviço da diversidade?* [tradução nossa]. O termo “presentismo” tem vários significados, mas usualmente se refere à ideia de indicar visões do presente sobre o passado, ao invés de fazer uma tentativa séria de entender como as próprias figuras históricas entendiam o mundo. O presente artigo endossa a visão de que as afirmações de autores como “Jagged_85” constituem presentismo, conforme o entendimento do senso comum. O artigo também

oferece sugestões sobre como chegar à diversidade sem este tipo de presentismo.

Palavras-chave: afirmações de prioridade; presentismo; diversidade; historiografia, indigenização

A inspiração para este artigo veio de uma fonte inusitada: o verbete da “história da psicologia” na enciclopédia online Wikipédia. O historiador canadense especialista em psicologia Christopher Green dedicou muito do seu tempo para melhorar esta e outras publicações relacionadas na enciclopédia e descobriu, para sua grande frustração, que outra pessoa estava alterando as publicações que ele havia feito (Green, 2008). É bem conhecido o fato de que qualquer um pode fazer alterações nas publicações da Wikipédia, independentemente de seus conhecimentos ou qualificações, e isso torna sua confiabilidade problemática.

A identidade da pessoa que estava fazendo as alterações nunca foi revelada, mas ela usou o nome de Jagged_85. Todas as mudanças tinham uma certa linha lógica: envolviam atribuir a maioria dos principais avanços na história da psicologia a estudiosos árabes ou muçulmanos da idade média. Aqui estão alguns exemplos:

- Os primeiros hospitais psiquiátricos e manicômios foram construídos no mundo Islâmico medieval no século VIII
- Os conceitos de saúde mental e “higiene mental” foram introduzidas pelo médico muçulmano Ahmed ibn Sahl al- Balkhi (850–934)...

- Nos anos de 1010, o cientista árabe iraquiano Ibn al-Haytham (Alhazen) introduziu o método experimental em diversas áreas que hoje fazem parte da psicologia experimental
- Avicena foi um pioneiro da psicofisiologia e da medicina psicossomática. Ele reconheceu a 'psicologia fisiológica' no tratamento de doenças envolvendo emoções

Até mesmo o profeta Maomé foi denominado como “um importante psicólogo da idade média”¹.

Se esta fosse apenas uma discussão sobre o verbete da Wikipedia para a história da psicologia, não seria nada além de um espetáculo interessante, ou seja, algo sem tanta relevância. No entanto, as afirmações de Jaded_85 eram baseadas em citações de fontes que realmente foram publicadas. Por exemplo, o psicólogo sudanês Omar Khaleefa (1999) publicou um artigo no *American Journal of Islamic Social Science* no qual ele afirma que o verdadeiro fundador da psicofísica e, por consequência, da psicologia experimental, não foi Gustav Fechner ou Wilhelm Wundt, mas Ibn al-Haytham, um estudioso islâmico que viveu no Cairo no século XI. Essas afirmações foram reproduzidas, citadas e mencionadas em dezenas de sites árabes ou muçulmanos.

Qual é a verdadeira base para essas afirmações? Al-Haytham realmente fez pesquisas sobre a visão e a percepção. Sua obra mais importante é intitulada *Livro da ótica* [tradução nossa]. Esse livro foi

¹ Esses comentários foram reproduzidos no boletim informativo on-line, *Advances in the History of Psychology* (Green 2008). Eles ainda estavam na enciclopédia quando a verifiquei em 9 de janeiro de 2010, mas, desde então, o verbete foi alterado novamente (Anônimo 2010, 2015).

originalmente escrito em árabe, mas foi traduzido para o latim no século XII ou XIII e influenciou muitos estudiosos europeus da época. A prensa foi inventada tempos depois, assim, a única edição impressa da tradução latina foi publicada em 1571 (Lindberg, 1967). Como muitos estudiosos árabes medievais, as contribuições de al-Haytham foram reconhecidas apenas tardiamente no Ocidente. Certamente isso tem relação com o eurocentrismo, todavia não se pode esquecer também da dificuldade prática de acessar seu trabalho. Ela estava disponível exclusivamente em árabe e latim, e cópias deste livro eram raras. Uma tradução em inglês do *Livro da Ótica* [tradução nossa] não esteve disponível até 1989, mas, assim que ficou, cientistas da área como Ian Howard foram rápidos em reconhecer a importância do trabalho (Howard, 1996).

Tudo isso aconteceu antes de Khaleefa (1999) publicar seu artigo, e a única coisa que ele acrescentou foi a alegação de que al-Haytham deveria ser considerado o fundador da psicofísica e da psicologia experimental. O psicofísico canadense Craig Aen-Stockdale publicou recentemente uma crítica a essas afirmações na revista *Perception* (Aen-Stockdale, 2008). Ninguém duvida de que al-Haytham seja uma figura importante na história da ciência e, mais especificamente, na história da pesquisa sobre visão e percepção. Além disso, não restam dúvidas de que seu trabalho tenha sido, de fato, injustamente negligenciado. No entanto, a alegação de que ele fundou a psicofísica e a psicologia experimental é bastante questionável. Khaleefa (1999) escreve:

Se Ibn al-Haytham tivesse vivido por mais dez anos, ele poderia ter escrito um oitavo e nono capítulo do *The Book of Optics* intitulado *Psychophysics* e *Experimental Psychology*, combinando a psicologia com a física, ou mente e corpo. (Khaleefa, 1999, p. 22)

Isso é pura especulação. Al-Haytham pode ter feito essas e muitas outras coisas, mas, como o próprio Khaleefa (1999) mesmo reconhece, ele não o fez. Aaen-Stockdale (2008) escreve, “Al-Haytham fez grandes contribuições para a visão” (p. 638) mas acrescenta que “ao sugerir que, devido às contribuições de Al-Haytham para visão, ele fundou a psicofísica, essa proposta acaba por menosprezar a notável contribuição de Fechner e outros” (Aaen-Stockdale, 2008, p.638).

Quanto à alegação de que Al-Haytham deve ser considerado o fundador da psicologia experimental, esse papel é geralmente dado a Wilhelm Wundt, talvez em reconhecimento ao fato de que a psicologia experimental é um campo muito mais amplo do que a psicofísica. Diz-se que Wundt fundou seu laboratório de psicologia experimental na Universidade de Leipzig em 1879. A maior organização de psicólogos do mundo, a American Psychological Association, declarou 1979 como o ano centenário da psicologia, e o XXII Congresso Internacional de Psicologia foi realizado em Leipzig para marcar a ocasião. Khaleefa (1999) não discute essa versão dos eventos. Ele simplesmente assume que o fundador da psicofísica é também, por implicação, o fundador da psicologia experimental.

Reivindicações de prioridade na história da psicologia não são algo novo. Por volta do “centenário de Wundt”, alguns americanos tiveram dificuldade em aceitar que o fundador da psicologia experimental não era americano e começaram a apresentar a reivindicação rival de que William James já tinha um laboratório de psicologia experimental na Universidade de Harvard em 1875, ou seja, antes de Wundt. De acordo com Hillix (1980), uma das edições da revista mensal da American Psychological Association, a *Monitor on Psychology*, daquela época, contém um desenho mostrando Wundt e James envolvidos em um duelo, aparentemente sobre qual deles tinha o primeiro laboratório. Embora a maioria dos psicólogos tenha decidido a questão em favor de Wundt, alguns autores americanos ainda consideram isso “controverso” (p.e. Hergenhahn 2008).

Outro exemplo diz respeito às origens da palavra “psicologia”. É geralmente aceito que o termo foi usado pela primeira vez em sua forma latina, *psychologia*, no século XVI, e que a obra mais antiga que sobreviveu com a palavra em seu título foi publicada pelo estudioso alemão Rudolf Göckel, em 1590 (Brock 2014a). No entanto, um autor croata afirmou que ela já tinha sido usada no título de uma obra anterior de um colega croata, Marko Marulić. O problema instaurado é que a única evidência de sua existência é uma bibliografia escrita à mão das publicações de Marulićs, cuja data é desconhecida. O trabalho por si só nunca foi encontrado.

Essas reivindicações frequentemente servem como meio para o nacionalismo ou algum outro tipo de chauvinismo. Certamente não é coincidência que a nacionalidade ou origem étnica

da pessoa para quem se reivindica e da pessoa que faz a reivindicação sejam sempre as mesmas.

Também é interessante observar que as reivindicações de prioridade na Wikipedia estão relacionadas ao mundo árabe ou muçulmano. Essa região possui uma antiga civilização, mas o mesmo ocorre com a China, Índia e outras partes do mundo. Por que esse argumento não está sendo debatido sobre o Budismo ou o Confucionismo? Isso pode ter algo a ver com as antigas tensões entre o mundo muçulmano e a Cristandade, que remontam pelo menos às Cruzadas, e as tensões modernas sobre o apoio ocidental a Israel, os islâmicos radicais e a intervenção militar em lugares como Iraque e Afeganistão. Como frequentemente acontece, conflitos que parecem ser sobre o passado têm suas origens no presente.

Presentismo e a Diversidade em Oposição

Christopher Green edita um boletim *online* chamado *Advances in the History of Psychology*. Em resposta à frustração que ele experimentou com as mudanças que estavam sendo feitas em seus verbetes, ele dedicou uma edição especial a esse tópico. A edição especial é intitulada *Presentism in the service of diversity?* (Green 2008). O termo "diversidade" será prontamente compreendido. Ele está relacionado à incorporação de materiais não ocidentais na história da psicologia. O termo "presentismo" será familiar para historiadores profissionais, incluindo historiadores da psicologia. No entanto, dado que este periódico é direcionado a um amplo

público de psicólogos, pode exigir alguma explicação. Green (2008) explica da seguinte forma:

Para o historiador profissional, as atribuições de Jagged_85 cheiram a presentismo: a imposição de categorias e valores epistêmicos modernos às ações de pessoas do passado distante; pessoas estas que não compartilhavam nossas categorias e valores e que podem ter estado envolvidas em projetos bastante diferentes, apesar de sua semelhança superficial com os nossos. Não existia uma disciplina de 'psicologia' no período medieval islâmico, e as pessoas citadas, quaisquer que tenham sido suas intenções, não poderiam ter como objetivo promover tal disciplina.

Green convidou Jagged_85 a responder a esses comentários, o que ele prontamente fez. Ele admite voluntariamente que não é um psicólogo, mas afirma que define a psicologia como "o estudo dos processos mentais e comportamentos" e qualquer pessoa que estudou essas coisas é um psicólogo, conforme ele próprio (Jagged_85, 2008). Imagino que essa visão parecerá razoável para muitos psicólogos, especialmente aqueles que se preocupam em tornar a disciplina mais diversa. Por trás dessas diferenças, existem preocupações diferentes. Green está preocupado em escrever uma boa história, algo que pouco ou nada interessa a muitos psicólogos. Assim como os antropólogos que estudam culturas diferentes das suas próprias, os historiadores estudam o passado porque ele é diferente do presente. Como ficou famoso nas primeiras linhas do

romance *The Go-Between*²: "O passado é um país estrangeiro: eles fazem as coisas de maneira diferente lá" (Hartley, 1953, p. 3). Se insistirmos em projetar as visões do presente sobre o passado, as diferenças sutis e as nuances entre o presente e o passado serão negligenciadas.

Deve-se observar que essa visão não se baseia em uma definição *a priori* da psicologia. Os historiadores têm plena consciência de que as palavras podem mudar de significado ao longo do tempo. Portanto, eles trabalham com as definições que os próprios atores históricos usaram. Wundt claramente entendia que seu trabalho era como uma contribuição para um assunto chamado "psicologia", mesmo que a psicologia ainda fosse considerada um ramo da filosofia na época. No entanto, como Green aponta, al-Haytham não poderia ter entendido seu trabalho como uma contribuição para um assunto chamado "psicologia", porque não havia tal assunto na época. Todavia, esse aspecto da situação não é a parte mais interessante. Al-Haytham deve ter tido alguma compreensão do que estava fazendo, e um historiador sério buscará descobrir qual era essa compreensão. Pressupor antecipadamente que era "psicologia" será uma barreira para uma compreensão genuína do pensamento de al-Haytham. O mesmo se aplica para os outros estudiosos islâmicos medievais para os quais se reivindicou prioridade na história da psicologia.

² [N. da T.] Publicado no Brasil como *O Mensageiro*, pela editora Nova Alexandria.

A Breve História da Psicologia e Seu Longo Passado

Essas questões nos levam para além das reivindicações de prioridade com as quais começamos e para o assunto mais complicado que a história da psicologia deveria, de fato, conter. Esse tópico foi discutido por dois eminentes historiadores britânicos da psicologia no final da década de 1980, em artigos que agora são considerados clássicos da área. O primeiro é de autoria de Graham Richards e tem o título, *Of what is history of psychology a history* (1987). Um dos revisores do manuscrito foi Roger Smith, e lê-lo o inspirou a escrever um artigo relacionado com o título, *Does the history of psychology have a subject?* (1988). Ebbinghaus (1908) escreveu uma célebre afirmação que dizia que a psicologia era uma disciplina com "um longo passado, mas uma curta história" (p. 3), e ambos os autores estão preocupados com a forma como a história da psicologia deve se relacionar com esse passado.

Os escritores de livros didáticos tradicionalmente têm sido ambivalentes sobre esse assunto. Por um lado, eles buscaram estabelecer as credenciais científicas da disciplina, remontando-a até a criação do laboratório de psicologia experimental de Wundt em 1879. Por outro lado, eles buscaram legitimidade fornecendo-lhe uma longa e distinta linhagem. Um dos ancestrais que foi cooptado nesse sentido é Aristóteles, com base no fato de que ele escreveu uma obra que é geralmente conhecida pelo título em latim *De Anima* (Sobre a Alma) (ca. 350 a.C./2008). Assim, um dos livros didáticos mais populares da década de 1960 era intitulado *The Great Psychologists from Aristotle to Freud* (Watson 1963).

Tanto Graham Richards quanto Smith defendem a visão de que Aristóteles não pode ser legitimamente chamado de "psicólogo", uma vez que não havia tal profissão na época em que ele estava escrevendo. Isso é claramente semelhante ao ponto levantado por Green em relação a al-Haytham. Possivelmente, Aristóteles tinha alguma ideia de como seu trabalho sobre o assunto da alma estava relacionada aos campos de conhecimento que existiam na época, e a tarefa do historiador é descobrir exatamente o que era essa ideia. Supor antecipadamente que era "psicologia" seria uma barreira para entender as visões do passado.

Não precisamos voltar tão longe quanto a Aristóteles para ilustrar esse ponto. Autores dos séculos XVII e XVIII, como John Locke, Thomas Hobbes e Adam Smith, escreveram sobre tópicos relacionados à psicologia, mas também escreveram sobre tópicos relacionados à filosofia, ciência política, economia, educação e, pelo menos no caso de Hobbes, física. Eles não estavam vinculados a essas categorias disciplinares porque elas não existiam. Provavelmente, eles se entendiam como fazendo "filosofia", embora seu entendimento desse termo fosse muito mais amplo que o nosso, e englobasse o que considerariamos as ciências naturais e sociais. Esse significado mais antigo do termo sobrevive na prática de conceder o título de "Doutor em Filosofia", ou "PhD" a pessoas de diversas disciplinas.

Richards e Smith chegam à conclusão óbvia de que a história da psicologia começa na segunda metade do século XIX e qualquer coisa que aconteceu antes disso não deve ser considerada "psicologia". Richards (2010) posteriormente publicou um livro didático que engloba essas visões. O primeiro capítulo é uma

discussão geral sobre a história da psicologia, o segundo capítulo é intitulado *Before Psychology: 1600-1850* e o terceiro capítulo trata da fundação da psicologia após 1850. Ele prontamente reconhece que as pessoas tinham pensamentos sobre o que é ser humano antes de 1850, mas ele chama isso de "discurso reflexivo" (p.20). É reflexivo no sentido de que envolve seres humanos tentando entender o que é ser humano. A psicologia é, obviamente, uma forma de discurso reflexivo, mas apenas uma forma. O discurso reflexivo pode ser encontrado em toda a gama das ciências humanas ou sociais, sociologia, antropologia, linguística etc., e em disciplinas como filosofia, teologia, história, literatura e direito, para citar apenas algumas.

Além de apontar que considerar o discurso reflexivo anterior a 1850 como psicologia é historicamente impreciso, Richards oferece um argumento mais prático para apoiar seus pontos de vista. Se todo o discurso reflexivo fosse incluído na história da psicologia, o assunto seria tão vasto que seria impossível de cuidar. Por que parar em Aristóteles? Shakespeare é geralmente considerado um observador perspicaz da condição humana, e isso pode explicar o apelo universal e duradouro de suas peças. Deveríamos rotulá-lo retroativamente como "psicólogo" também? O mesmo poderia ser dito de Platão, Tomás de Aquino, Kant, Marx, Darwin e qualquer outra pessoa que já tenha escrito sobre a condição humana. Com uma definição tão ampla de "psicologia", rapidamente chegaríamos ao ponto em que a história da psicologia se torna coincidente com a história da civilização humana.

Implicações para o Pensamento Não-ocidental

Richards e Smith estão preocupados apenas com o pensamento ocidental anterior a 1850 e que tenha relação com a história da psicologia, mas suas opiniões têm implicações óbvias para o pensamento não ocidental. Se recusarmos a considerar o trabalho de Aristóteles como "psicologia", a coerência exigiria que fizéssemos o mesmo com o trabalho de Buda, Confúcio, os Upanishads e Lao-Tsé. Eles pertencem ao que Richards chama de discurso reflexivo, e não à forma moderna desse discurso reflexivo a que chamamos de "psicologia". Esta última tem suas origens na Europa Ocidental e foi exportada de lá para o resto do mundo. Existem algumas histórias interessantes a serem contadas a esse respeito. Por exemplo, os chineses não tinham uma palavra para "psicologia" quando a literatura sobre o assunto começou a chegar do Ocidente no final do século XIX, então surgiram controvérsias sobre como o termo deveria ser traduzido. Eventualmente, decidiu-se expressá-lo usando um composto de três caracteres chineses que representavam "coração", "espírito" e "estudo" (Blowers 2006). Os problemas aqui não são diferentes dos problemas resultantes da aplicação das categorias epistêmicas do presente ao passado. Se assumirmos que a China tinha psicologia desde sempre, esse aspecto de sua história será negligenciado.

Alguns podem estar dispostos a reconhecer que a psicologia tem suas origens na Europa e que foi exportada de lá para o resto do mundo, mas irão categorizá-la como "psicologia ocidental". Surge então a questão de saber se existe algum outro tipo de psicologia. Nesse sentido, a expressão "psicologia indígena" poderia

ser considerada um paradoxo, já que a psicologia não é nativa dos lugares onde esse termo é normalmente empregado. Seria mais preciso falar de "psicologia indigenizada" (Brock 2014b).

A pessoa que mais escreveu sobre esse assunto foi a historiadora alemã da psicologia, Irmgard Staeuble (p.e. 2004, 2006). Ela destaca que as várias disciplinas que compõem as ciências humanas ou sociais não devem ser tomadas como certas. Elas são um produto de uma determinada época e lugar e refletem um conjunto particular de visões. Há certa ironia no fato de que psicólogos indianos, como Durganand Sinha, reclamarem da orientação individualista da psicologia ocidental, já que foi precisamente a visão de que os indivíduos poderiam ser compreendidos à parte da sociedade, cultura e história que levou à criação das várias disciplinas que se especializam nesses aspectos. Sua conclusão é que essas disciplinas devem ser abandonadas em favor de uma ciência social unificada, e ela faz esse ponto não apenas por motivos ideológicos, mas também por motivos práticos. Em países com recursos limitados, não faz sentido replicar a estrutura disciplinar do Ocidente, com seus departamentos separados, livros, conferências, periódicos e coisas do tipo.

Tenho minhas dúvidas quanto à viabilidade dessa sugestão. As diversas disciplinas que compõem as ciências humanas e sociais estão agora tão firmemente estabelecidas nas universidades e na sociedade em geral que será difícil renunciar a elas. Programas interdisciplinares existem, mas um dos problemas deles é que seus alunos frequentemente têm dificuldade em encontrar emprego em outros lugares. Dito isso, acredito ser importante manter a distinção entre o que Richards chama de "discurso reflexivo" e essa forma

específica de discurso reflexivo que chamamos de "psicologia". Psicólogos de países não ocidentais que insistem em considerar suas próprias tradições intelectuais como "psicologia" podem estar involuntariamente envolvidos em um ato de imperialismo cultural, pois estão interpretando-as através do filtro de um conceito que tem suas origens no Ocidente.

Diversidade sem Presentismo

É possível ter diversidade sem presentismo? Tudo depende do que entendemos por presentismo. Um dos colaboradores para a edição especial de *Advances in the History of Psychology*, que usa o nome de usuário "Knitting Clio" na internet, acusou Green de presentismo ao tomar a psicologia como ela existe atualmente como ponto de partida para sua visão de sua história (Knitting Clio 2008). Os historiadores geralmente não têm problemas com essa compreensão do termo. É semelhante ao que o historiador francês Michel Foucault chamou de "uma história do presente" (p.e. Garland 2014) ou ao que Smith (1988) chamou de "presentismo ponderado" (p. 151). Os historiadores reconhecem que vivem no presente e que as questões que fazem à história são impulsionadas por preocupações atuais. O trabalho histórico só é presentista no sentido pejorativo do termo se as respostas a essas questões também tiverem suas origens no presente.

Um passo importante para alcançar diversidade na história da psicologia é seguir o conselho de Smith de que "a história da psicologia deve ser abandonada" (1988, p. 162). Narrativas de história da psicologia são inevitavelmente seletivas. Às vezes, o autor

pode não estar consciente de que está ocorrendo uma seleção. Você não pode decidir deixar algo de fora da história da psicologia se não estiver ciente de sua existência. Infelizmente, esse conselho vai contra a prática comum de oferecer um único curso de graduação sobre a história da psicologia, apoiado em um livro didático que pretende abranger toda a história do campo.

Muitos desses livros didáticos têm origem americana e o que acontece na prática é que eles oferecem uma história da psicologia americana, não uma história da psicologia em geral. Os desenvolvimentos da psicologia na Europa são abordados apenas na medida em que tiveram impacto nos Estados Unidos. Por exemplo, Wilhelm Wundt é uma figura importante porque teve muitos estudantes americanos, e Kurt Lewin é conhecido porque emigrou para os Estados Unidos e teve sucesso lá. No entanto, outros que tiveram um papel significativo na história da psicologia na Europa, mas que não tinham conexões com os Estados Unidos, são deixados de fora dessas narrativas. Quanto aos desenvolvimentos na Ásia, África, América Latina e Oceania, raramente são abordados (Brock 2006). O livro didático recente de Wade Pickren e Alexandra Rutherford (2010) inclui algum material sobre esses lugares, mas isso é incomum nesse aspecto, e a quantidade de material que contém é pequena. A necessidade de produzir uma história da psicologia que pretenda ser abrangente significa que esse material precisa competir por um espaço que é limitado.

Um ponto semelhante é levantado por Eugene Taylor (2008) na edição especial de *Advances in the History of Psychology*. Ele afirma que a publicação da Wikipédia sobre a história da psicologia mantém a ficção de que há apenas uma história da psicologia, seja intencional

ou não, e essa única história é uma visão particularmente a ocidental. Isso certamente é verdade, mas Taylor (2008) continua minando esse argumento válido ao sugerir que as alternativas incluem "ciência islâmica, psicologia hindu, psicologia budista, sistemas afro-centrados, visões confucionistas ou taoístas etc." Green (2008), previsivelmente, rejeita essa visão como presentista:

Acredito que chamar essas últimas formas de 'psicologia' é simplesmente um erro histórico. Muçulmanos, hindus, budistas, africanos etc. - os antigos gregos, aliás - tinham/não tinham uma disciplina chamada psicologia. Suas categorias epistêmicas são/eram estruturadas de maneira diferente daquelas do Ocidente (por exemplo, física, química, biologia, psicologia, sociologia, antropologia etc.), e rotular como formas de psicologia as partes que parecem superficialmente semelhantes às que colocamos sob o termo 'psicologia' é, a meu ver, distorcê-las e assimilá-las falsamente a um sistema de conhecimento que é estranho às suas origens. É, essencialmente, um análogo transcultural de presentismo. Eles deveriam, em vez disso, ser apresentados nos contextos de suas próprias origens culturais, em vez de serem forçados em categorias ocidentais como 'psicologia'.

Ao afirmar que "a história da psicologia deve ser abandonada", Smith (1988, p. 162) não estava sugerindo que o

discurso reflexivo fosse incluído na história da psicologia. O argumento para múltiplas histórias diz respeito à inclusão de aspectos da história da psicologia moderna ou científica que tradicionalmente foram deixados de fora das narrativas padrão. Esses aspectos podem incluir a história da psicologia fora da Europa e dos Estados Unidos.

O Lugar do Discurso Reflexivo

Essas considerações tornam difícil incorporar tradições intelectuais de fora do Ocidente nas histórias padrão da psicologia. Os problemas podem ser vistos em um livro recente de Man Cheung Chung e Michael Hyland (2012). Eles apresentam o que é essencialmente uma história padrão da psicologia e, em seguida, incluem dois capítulos contendo material não-ocidental no final. Eles escrevem na introdução:

Nosso texto tem a característica incomum de incluir filosofia tanto de perspectivas ocidentais quanto orientais. Embora a psicologia acadêmica tenha se desenvolvido dentro de uma tradição intelectual ocidental, as ideias filosóficas originárias do Oriente são igualmente relevantes (p. 2).

Relevantes para quê? O conteúdo desses capítulos não tem relação com os capítulos anteriores. Não estou sugerindo que esse material não tenha interesse ou importância, mas todos os livros têm um certo tema e este livro pretende ser uma história da psicologia.

Os dois capítulos são simplesmente adicionados no final sem uma explicação adequada ou convincente sobre porque deveriam ser incluídos em um livro didático sobre esse assunto.

Existe alguma maneira de incluir o discurso reflexivo de culturas não-ocidentais na história da psicologia sem cair na armadilha do presentismo ou do imperialismo cultural? Felizmente, sim, e isso se deve a uma ressalva sugerida por Smith (1988):

Sugiro que os historiadores da psicologia possam legitimamente buscar em períodos anteriores para rastrear tradições de pensamento, o contexto social de indivíduos ou instituições, valores culturais ou circunstâncias econômicas e políticas que se tornam parte de uma psicologia posterior. Mas isso é uma pesquisa histórica no período anterior com um propósito e sobre um assunto definido pela psicologia posterior (p. 156-157).

Mesmo que aceitemos que a psicologia tenha surgido na segunda metade do século XIX, não há necessidade de assumir que os desenvolvimentos anteriores a esse período não são interessantes ou relevantes. A psicologia não surgiu do nada. O terreno já havia sido preparado por trabalhos em disciplinas, como filosofia, medicina e biologia.

A teoria da evolução de Darwin antecede o estabelecimento formal da psicologia e, no entanto, teve uma influência profunda na disciplina em seus primeiros anos e continua a ter. Portanto, faz parte da história da psicologia. O mesmo é válido para a

neurofisiologia sensorial associada a Helmholtz e a psicofísica de Weber e Fechner.

Essas conexões são fáceis de estabelecer, uma vez que os eventos em questão ocorreram imediatamente antes do estabelecimento da psicologia moderna. E quanto aos eventos históricos mais distantes do século XIX? O importante historiador da psicologia Kurt Danziger (2008a) questionou a descontinuidade radical implicada pela distinção de Ebbinghaus entre história curta e passado longo. Referindo-se ao seu próprio trabalho sobre a história da memória (Danziger 2008b), ele aponta que a metáfora do armazenamento ainda é amplamente usada por pesquisadores da memória e pode ser encontrada em alguns dos primeiros escritos da Grécia Antiga, incluindo os de Platão e Aristóteles. Assim, esses escritos também são uma parte legítima da história da psicologia, uma vez que influenciaram a disciplina moderna que leva esse nome. No entanto, deve-se observar que isso não nos dá licença para chamar seus escritos de "psicologia". Estamos nos referindo ao conteúdo ou objeto de estudo da psicologia, não à própria disciplina. Esse conteúdo ou objeto de estudo pode ter pertencido a uma disciplina diferente no passado.

Danziger ainda sustenta que a psicologia é uma criação historicamente recente e seus comentários são mais uma correção amigável ao trabalho de Richards e Smith do que uma crítica. Todos eles concordam que os eventos que ocorreram antes do estabelecimento da psicologia, mas que moldaram seu posterior desenvolvimento, são uma parte legítima de sua história. Ele apenas quer ressaltar que o grau de continuidade pode ter sido subestimado.

Danziger (2008a) também aponta que a distinção entre a história da psicologia e seu passado não era originalmente de Ebbinghaus. Ela pode ser encontrada em um trabalho que não é bem conhecido hoje em dia, mas que teria sido leitura padrão entre os psicólogos alemães por volta da época em que Ebbinghaus estava escrevendo. O trabalho em questão é *History of Modern German Psychology* (1902) de Max Dessoir. Embora Dessoir tenha feito a mesma distinção entre a história da psicologia e seu passado, ele utilizou estes termos de maneira diferente. Se algo teve uma influência duradoura na psicologia, faz parte de sua história. No entanto, algo que não teve uma influência duradoura na psicologia pertence ao seu passado. Assim, de acordo com Dessoir, o antigo pensamento indiano faz parte do passado da psicologia. Não é parte de sua história porque não há conexão histórica entre os dois. O pensamento antigo da Grécia, por outro lado, é parte da história da psicologia, uma vez que teve uma influência duradoura no campo.

Ao sugerir que o antigo pensamento da Índia não fazia parte da história da psicologia, Dessoir não poderia prever um dos desenvolvimentos mais interessantes na psicologia nos últimos anos: o surgimento do movimento de indigenização (Brock 2014b). Ele começou quando psicólogos da Ásia, África e América Latina argumentaram que a psicologia ocidental não era adequada para suas necessidades e que precisavam desenvolver suas próprias abordagens nativas. Muitos psicólogos na Índia já incorporaram o pensamento antigo da Índia em seus trabalhos (p.e. Rao et al. 2008, Cornellisson et al. 2011). Há também uma psicologia islâmica baseada nos ensinamentos do Alcorão e no trabalho de estudiosos islâmicos da idade média (p.e. Haque 2004; Husain 2008). Na

medida em que o pensamento indiano e o pensamento islâmico tiveram influência nessas formas de psicologia, eles fazem parte de sua história, assim como Platão e Aristóteles fazem parte da história da psicologia ocidental.

No cerne das afirmações de Jagged_85, Khaleefa e outros como eles, existe uma contradição: eles abraçaram a psicologia ocidental e, no entanto, desejam fingir que suas origens históricas estão no Oriente Médio. Se eles desejam incorporar pensadores islâmicos da idade média na história da psicologia, eles devem estudar suas obras e buscar uma psicologia influenciada por eles. A solução está em abandonar a visão ingênua de que a psicologia ocidental tem validade universal e levar mais a sério o discurso reflexivo de sua própria cultura.

Não espero que esses comentários encerrem as reivindicações de prioridade. No entanto, eles oferecem uma maneira de introduzir maior diversidade na história da psicologia sem entrar em conflito com os padrões acadêmicos dos historiadores da psicologia. Felizmente, não estou sozinho em considerar ambos os fatos importantes. Coincidentemente, eles evitam o imperialismo cultural envolvido na reinterpretação do discurso reflexivo de culturas não ocidentais, em termos de uma disciplina que tem suas origens no Ocidente, e abrem espaço para pensar criticamente sobre os pressupostos que fundamentam a ordem disciplinar na qual ela se baseia.

Referências

Aaen-Stockdale, C. (2008). Ibn al-Haytham and psychophysics. *Perception*, 37, 636–638. doi:10.1068/p5940.

Anonymous (2010, 2015). Wikipedia entry on history of psychology. Available at http://en.wikipedia.org/wiki/History_of_psychology. Accessed 09 Jan 2010 and 27 Jan 2015.

Aristotle (ca. 350 BCE/2008). *De anima*. (R.D. Hicks, trans.) New York: Cosimo Classics.

Blowers, G. (2006). Origins of scientific psychology in China, 1899– 1949. In A. C. Brock (Ed.), *Internationalizing the history of psychology* (pp. 94–111). New York: New York University Press.

Brock, A. C. (Ed.) (2006). *Internationalizing the history of psychology*. New York: New York University Press.

Brock, A. C. (2014a). Psychology in the modern sense. *Theory & Psychology*, 24, 717–722. doi:10.1177/0959354314535513.

Brock, A. C. (2014b). Indigenous psychologies. In T. Teo (Ed.), *Encyclopedia of critical psychology* (pp. 949–955). New York: Springer.

Chung, M. C., & Hyland, M. E. (2012). *History and philosophy of psychology*. Chichester: Wiley-Blackwell.

Cornellisson, M., Misra, G., & Varma, S. (Eds.) (2011). *Foundations of Indian psychology, volume 1: Theories and concepts*. Delhi: Pearson Education.

Danziger, K. (2008a). Long past, short history: The case of memory. Invited address given at the annual meeting of Cheiron (International Society for the History of Behavioral and Social Sciences) in Toronto, June 2008. Available at www.kurtdanziger.com/Paper%2010.htm. Accessed 27 Jan 2015.

Danziger, K. (2008b). *Marking the mind: A history of memory*. Cambridge: Cambridge University Press.

Dessoir, M. (1902). *Geschichte der neueren deutschen Psychologie* (2nd ed.). Berlin: Duncker. Available at <https://archive.org/stream/geschichtederneu01dessoift>. Accessed 28 Jan 2015.

Ebbinghaus, H. (1908). *Psychology: An elementary textbook*. Boston: Heath.

Garland, D. (2014). What is Ba history of the present? On Foucault's genealogies and their critical preconditions. *Punishment & Society*, 16, 365–384. doi:10.1177/1462474514541711.

Green, C. (2008). Presentism in the service of diversity? *Advances in the History of Psychology*. Available at <http://ahp.apps01.yorku.ca/?p=299>. Accessed 27 Jan 2015.

Haque, A. (2004). Psychology from Islamic perspective: contributions of early Muslim scholars and challenges to contemporary Muslim psychologists. *Journal of Religion and Health*, 43, 357–377. doi:10.1007/s10943-004-4302-z.

Hartley, L. P. (1953). *The go-between*. London: Hamish Hamilton.

Hergenhahn, B. R. (2008). *An introduction to the history of psychology* (6th ed.). Stamford: Wadsworth.

Hillix, W. (1980). Do half of America's psychologists descend from Wundt? A case study at one large university. In W. Meischner & A. Metge (Eds.), *Wilhelm Wundt: Progressives Erbe, Wissenschaftsentwicklung und Gegenwart*. (pp. 191–200) Leipzig: Karl-Marx-Universität. Available at <http://www.uni-leipzig.de/~psycho/wundt/hundred/HILLIX.htm>. Accessed 28 Jan 2015.

Howard, I. P. (1996). Alhazen's neglected discoveries of visual phenomena. *Perception*, 25, 1203–1217. doi:10.1068/p251203.

Husain, A. (2008). *Islamic psychology: Emergence of a new field*. New Delhi: Global Vision.

Jagged_85 (2008). Comment. *Advances in the History of Psychology*. Available at <http://ahp.apps01.yorku.ca/?p=299>. Accessed 27 Jan 2015.

Khaleefa, O. (1999). Who is the founder of psychophysics and experimental psychology? *American Journal of Islamic Social Sciences*, 16, 1–26.

Knitting, Clio (2008). Comment. *Advances in the History of Psychology*. Available at <http://ahp.apps01.yorku.ca/?p=299>. Accessed 27 Jan 2015.

Krstić, K. (1964). Marko Marulić: The author of the term “psychology”. *Acta Instituti Psychologici Universitatis Zagrabensis*, 36, 7–13. Available at <http://psychclassics.yorku.ca/Krstic/marulic.htm>. Accessed 27 Jan 2015.

Lindberg, D. C. (1967). Alhazen’s theory of vision and its reception in the West. *Isis*, 58, 321–341.

Pickren, W. E., & Rutherford, A. (2010). *A history of modern psychology in context*. Hoboken: Wiley.

Rao, K. R., Paranjpe, A., & Dalal, A. K. (Eds.) (2008). *Handbook of Indian psychology*. New Delhi: Cambridge University Press.

Richards, G. (1987). Of what is history of psychology a history? *British Journal for the History of Science*, 20, 201–211. doi:10.1017/S0007087400023748.

Richards, G. (2010). Putting psychology in its place: Critical historical perspectives (3rd ed.). London: Routledge.

Smith, R. (1988). Does the history of psychology have a subject? *History of the Human Sciences*, 1, 1 47– 177. doi: 10.1177/095269518800100201.

Staeuble, I. (2004). De-centering Western perspectives: Psychology and the disciplinary order in the first and third world. In A. C. Brock, J. Louw & W van Hoorn (Eds.), *Rediscovering the history of psychology: Essays inspired by the work of Kurt Danziger* (pp. 183–205). New York: Springer.

Staeuble, I. (2006). Psychology in the Eurocentric order of the social sciences: Colonial constitution, cultural imperialist expansion, postcolonial critique. In A. C. Brock (Ed.), *Internationalizing the history of psychology* (pp. 183–207). New York: New York University Press.

Taylor, E. (2008). Comment. *Advances in the History of Psychology*. Available at <http://ahp.apps01.yorku.ca/?p=299>. Accessed 27 Jan 2015.

Watson, R. I. (1963). *The great psychologists from Aristotle to Freud* (2nd ed.). Philadelphia: Lippincott.

Lista de Autores

Pesquisadores

Adrian Brock

PhD em psicologia pela York University em Toronto, Canada e atualmente aposentado, foi docente na Oglethorpe University in Atlanta, University College Dublin, Irlanda, e Universidade de Cape Town, África do Sul. Autor de inúmeros livros, artigos, análises, entre outros, tem uma vasta e importante obra para a história da psicologia.

André Elias Morelli Ribeiro

Docente no Departamento de Psicologia da Universidade Federal Fluminense e do programa de Pós-graduação em História das Ciências e das Técnicas e Epistemologia (HCTE/UFRJ). É doutor em psicologia pela Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” e coordenador do projeto Portal História da Psicologia, além de ser o editor da Editora do Portal História da Psicologia.

Carolina Silva Bandeira de Melo

Docente na Universidade Federal de Viçosa, é doutora pela *École des Hautes Études en Sciences Sociales* (EHESS), em cotutela com a Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG).

Daniele Corrêa Ribeiro

Coordenadora do Centro de Documentação e Memória do Instituto Municipal Nise da Silveira, é historiadora e História das Ciências pela Fundação Oswaldo Cruz.

Kurt Danziger

É considerado um dos maiores historiadores da psicologia, com uma vasta obra reconhecida internacionalmente e tida como central para o desenvolvimento do campo da história da psicologia. Atualmente está aposentado.

Maira Allucham Goulart Naves Trevisan Vasconcellos

Docente na Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais e do Centro Universitário das Faculdades Associadas de Ensino (UNIFAE), é doutora em Psicologia Social pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Além de sua produção acadêmica, participa de várias Sociedades e Associações científicas no campo da história da psicologia.

Regina Helena de Freitas Campos

Professora Titular da Universidade Federal de Minas Gerais, atua e atuou em vários programas de pós-graduação. Fundadora da Sociedade Brasileira de História da Psicologia, presidente do Centro de Documentação e Pesquisa Helena Antipoff. Em 2018, recebeu prêmio do Conselho Federal de Psicologia por sua contribuição à construção da profissão de psicóloga no Brasil. Em 2020, foi contemplada com o *Career Achievement Award* concedido pela Society for the History of Psychology, Division 26 da American

Psychological Association, por sua contribuição à pesquisa em história da psicologia. Já publicou 72 artigos científicos, 65 capítulos de livro, e escreveu ou organizou 27 livros. Orientou até o presente 26 teses de doutorado e 23 dissertações de mestrado. É membro do Conselho Editorial dos periódicos *History of Psychology*, *Psicologia e Sociedade*, *Estudos e Pesquisas em Psicologia*, *Memorandum*, entre outros.

Wilma Fernandes Mascarenhas

Faz mestrado em história das ciências no programa de Pós-graduação em História das Ciências e das Técnicas e Epistemologia (HCTE/UFRJ), atua no Instituto Municipal de Assistência à Saúde Nise da Silveira, no Rio de Janeiro.

Discentes e Outros Colaboradores

Alessandra Costa de Souza

Discente de psicologia na Universidade Federal Fluminense em Rio das Ostras

Anna Clara Domingues Cabral de Andrade

Discente de psicologia na Universidade Federal Fluminense em Rio das Ostras

Artur Medeiros Leite

Discente de psicologia na Universidade Federal Fluminense em Rio das Ostras

Clara Lyra Santos

Discente de psicologia na Universidade Federal do Espírito Santo

Gabriel Siqueira Alves

Discente de psicologia na Universidade Federal Fluminense em Rio das Ostras

Gunther Mafra Guimarães

Discente de psicologia na Universidade Federal Fluminense em Rio das Ostras

Isadora Melquiades Santos Costa

Discente de psicologia na Universidade Federal do Rio de Janeiro

Jessica de França Santana

Discente de psicologia na Universidade Federal do Rio de Janeiro

Júlia Fernandes da Silva

Discente de psicologia na Universidade Federal Fluminense em Rio das Ostras

Júlia Tavares Chahestian

Discente de psicologia na Universidade Federal de São Carlos

Kamilly Gomes da Silva

Discente de psicologia na Universidade Federal Fluminense em Rio das Ostras

Maria Clara Ribeiro Colli

Discente de psicologia na Universidade Federal Fluminense em
Rio das Ostras